

# Só altas muralhas tranquilizam as escolas

Arquiteto discorda da construção, mas a insegurança fala mais alto e a promessa é feita

FOTOS: FRANCISCO GUALBERTO



Sem muros, escolas são alvo fácil para desocupados. Mesmo as quadras esportivas cercadas são invadidas e por isso estão quase desativadas



LEONEL ROCHA  
Da Editoria de Cidade

No relatório do Departamento de Engenharia da Fundação Educacional do Distrito Federal há uma justificativa estranha. A diretoria de uma escola classe quer um muro para tentar evitar invasões de estranhos, depredações, assaltos, roubos e até risco de vida dos funcionários, professores e alunos. Tecnicamente o arquiteto não vê necessidade do muro. Mas a realidade fala mais alto e a promessa é feita.

Para desespero da diretoria o muro demora a ser feito. Enquanto isto, as crianças na hora do recreio brincam num pátio pequeno e inadequado ao lazer ou outra atividade extra-sala qualquer. A escola termina perdendo uma área importante entre as paredes das salas e a cerca, onde estranhos têm acesso e fazem ameaças.

Esta história pode ser contada por dezenas de escolas, principalmente em áreas como Ceilândia e Taguatinga. O estudo físico geral destes prédios é prova de que o apedrejamento é comum. Os estudantes já começam a assimilar uma nova matéria: a defesa pessoal, com uma didática específica e que ultrapassa os deveres de casa ou a sala de aula.

## DESESPERO

No início desta semana um grupo de garotos invadiu o Centro Educacional nº 5, em Ceilândia, e ameaçou alunos e professores. Um dos estudantes estava visado. Era Juari Feitosa da Silva, 17 anos, que estuda à noite. O seu colega Sudney Pereira Lira, da mesma idade, também. Os dois rapazes conseguiram fugir, e no desespero da mãe Rosilda Maria da Silva fez com que Juari desistisse de continuar estudando.

Dona Rosilda é pernambucana da cidade de Pésqueira e jura que vai voltar para seu Estado depois das ameaças sofridas pelo filho. "Eu tenho boa vizinhança, amigos e trabalho aqui", desabafa ela, "mas não vou perder um filho". Quando Juari saiu para a escola dona Rosilda não sossegava. Agora, com a desistência do garoto, ela "vai arrumar as malas".

A direção do Centro Educacional não tomou conhecimento da invasão. Nem a 19ª DP, apesar de o delegado de plantão na noite da briga ter sido informado e mandado uma patrulha ao local. A diretora do colégio, Edelzita Coelho de Souza garante que as brigas começam fora do colégio e depois os alunos terminam trazendo a confusão para dentro da escola. Existem brigas de grupos na Ceilândia, o que termina prejudicando o trabalho didático que se tenta fazer, já que a escola termina sendo o palco livre das desavenças.

No Centro Educacional nº 5 trabalha um policial militar. O horário dele não é permanente (e nem poderia), o que deixa insatisfeita a direção da escola com relação à segurança. Não é comum um policial armado nas portas das escolas. Mas no Distrito Federal está se transformando em única e falha alternativa.

Dona Rosilda Maria da Silva garante que os desocupados que tentaram matar seu filho chegaram a ser presos. Mas na 19ª DP não existe qualquer registro. O relato de Dona Rosilda nem foi ouvido pelo delegado-chefe da 19ª DP ou por seu substituto. Ela, que é funcionária da Fundação Educacional, está disposta a pedir demissão e abandonar o Distrito Federal.

FRANCISCO GUALBERTO

## ASSALTOS

A insegurança de professores e alunos não pára nestas brigas. Na Escola-Classe 3, também na Ceilândia, várias professoras já foram assaltadas por pequenos ladrões. Eles entram nas salas de aula e roubam correntes e relógios. Na EC 3 existe um guarda da PM durante o dia. Mas a segurança não é suficiente. O vigia noturno não é garantido, e a diretoria está preocupada com o tempo em que a escola fica "descoberta".

Os alunos da EC 3 são, na maioria, meninos de até 10 anos. Não podem e não devem reagir a um assalto mesmo praticado por outro menino um pouco maior. Esta ameaça permanente impede que todo o espaço da escola seja usado. Apesar de cercada de muros altos, a quadra esportiva da EC 3 raramente é usada até mesmo para o recreio.

Os dois filhos de Dona Rosilda já chegaram em casa apenas de cuecas. Perderam a roupa nas ruas escuras entre a escola e a casa. Rua escura ao redor dos colégios na Ceilândia e Taguatinga é o que não falta. Muitas vezes, como é o caso da Escola-Classe 3, de Taguatinga, apenas as duas lâmpadas (deveriam ter quatro) da frente do prédio se encarregam de iluminar as vias de acesso.

## QUADRAS

Um espaço que deveria ser usado normalmente pelas escolas, as quadras esportivas, são verdadeiros campos perigosos. Em alguns casos, estas quadras ficam cercadas por muros e mesmo assim estranhos à escola costumam entrar e atrapalhar as aulas de educação física, por exemplo. Principalmente se a aula é das meninas.

Nos colégios maiores o problema se agrava. No Centro Educacional nº 5, onde estudam 2 mil 800 alunos nos quatro turnos (criados por falta de salas para atender à demanda de alunos), os estudantes são obrigados a conviver com outros meninos de 16 a 17 anos que atrapalham o trabalho. A cerca que protege as quadras, que ficam fora da área mais guarnecida da escola, freqüentemente está com buracos. O portão é de fácil acesso. Os professores se queixam de que não podem enfrentar oito ou 10 rapazes de 16, 17 e até 18 anos e por isso "fazem olho grosso".

Isto tudo acontece durante o dia, quando um policial militar monta guarda no portão principal. Mas a Polícia não pode fazer muita coisa porque os rapazes são menores. As famílias vizinhas costumam se queixar e apontar os grupos de vadios, responsáveis pela depredação das cercas dos colégios.

## ENSINO

O medo de assaltos e outro tipo de violência desponta antes mesmo de a professora começar a dar aulas à noite. É o caso de Vera Lúcia Oliveira de Vicenso. Ela mora no Plano Piloto e quer ensinar no Centro Educacional nº 5. Mas resiste à ideia de trabalhar à noite também por falta de segurança.

Para a direção de alguns colégios é difícil encontrar professores que morem no Plano Piloto (ou mesmo nas cidades-satélites) que aceitem com facilidade o trabalho noturno. Quando as aulas terminam muito tarde, este problema é agravado. No ano passado, na saída de um dos colégios da Ceilândia, uma professora foi assaltada e morta. O fato chocou, mas a violência continua.



Dona Rosilda resolveu "arrumar as malas"